

## LIÇÃO 3

# A IGREJA E O MINISTÉRIO

**TEXTO ÁUREO:** “Escrevo-te estas coisas, esperando ir ver-te bem depressa; mas, se tardar, para que saibas como convém andar na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, a coluna e firmeza da verdade.” (1 Tm 3.14-15)

**LEITURA BÍBLICA: 1 TIMÓTEO 3.1-16**

### INTRODUÇÃO

Assim como o apóstolo Paulo tinha grande cuidado com a preservação da *sã doutrina* e da *oração* nas igrejas, conforme estudamos nas lições anteriores; na lição de hoje veremos que ele igualmente se preocupava com aqueles que estavam à frente dessas e de outras atividades essenciais à ordem e vida espiritual da comunidade cristã – a saber, os *presbíteros* e *diáconos*. E, para que a igreja verdadeiramente seja beneficiada por aqueles que a lideram, e não prejudicada, é necessário que os aspirantes ao ministério sejam exemplares modelos de vida cristã.

### I – A EXCELÊNCIA DO EPISCOPADO (VV. 1-7)

Neste capítulo, o apóstolo passa das considerações mais gerais que havia feito em relação à conduta de homens e mulheres na igreja à definição das características espirituais e morais daqueles que deveriam servir no *ministério*. No princípio, quando a multidão dos discípulos ainda se concentrava em Jerusalém, a responsabilidade de conduzir os negócios da igreja incumbia aos apóstolos (At 2.42; 4.33-34). Pouco depois, o crescimento daquela primeira comunidade e das suas necessidades levou-os a escolher alguns irmãos para auxiliá-los na importante tarefa de *servir às mesas* (At 6.1-4). Mas é durante a primeira viagem missionária de Paulo que vamos encontrar pela primeira vez a menção a irmãos escolhidos e consagrados como *presbíteros* das igrejas (At 14.23). Esses presbíteros (palavra que em grego significa “ancião”, e às vezes assim se traduz em nossas bíblias) também são chamados de *bispos* (do grego, “supervisores”). O primeiro título parece indicar a sua experiência na palavra e no testemunho; ao passo que o segundo refere-se mais à sua função: na ausência dos apóstolos, eram aqueles que assumiam a condução dos fiéis na oração e no ensino da palavra, aconselhando, orientando e cuidando da igreja, tal qual *pastores do rebanho de Deus* (cf. At 20.17, 28; 1 Pe 5.1-4).

Quando Paulo confirma a veracidade do dito (talvez comum entre os primeiros cristãos) de que a obra do *presbitério* (ou *episcopado*, como aqui é chamada) era uma “*excelente obra*”, certamente ele tem em vista a grande honra e o privilégio incomparável de servir à igreja de Cristo; mas também a tremenda *responsabilidade* a qual nem todos estão preparados (e por isso nem todos são chamados) para assumir. Convém, portanto, que o aspirante à excelência do ministério (ou que já esteja nele) se faça como que digno dessa obra, através de um caráter ou conduta igualmente excelente; além do que é da natureza do seu chamado que os *pastores* ensinem o povo de Deus não apenas por *palavra*, mas por *obra* e *testemunho*, animando os fracos e corroborando os que estão firmes na fé (cf. Hb 13.7; 1 Tm 4.12, 16).

A primeira qualidade citada pelo apóstolo é a mais abrangente: “*que o bispo seja irrepreensível*” – ou seja, que cuide para não incorrer em qualquer atitude que mereça censura ou reprovação. “*Marido de uma mulher*” não significa que tenha que ser casado, mas que deve ser absolutamente fiel a *uma só* esposa – o que implicava em estabelecer a *monogamia* como único modelo de relacionamento conjugal aprovado por Deus, com exclusão de todas as suas perversões, por mais comuns ou aceitas que fossem na sociedade de então. “*Hospitaleiro*” abrangia muito mais do que uma “*recepção calorosa*” a convidados ou visitantes em casa; significava abrigar, socorrer e suprir as necessidades dos pobres e aflitos – enfim, relacionava-se mais com “*caridade*”. “*Apto para ensinar*”, não necessariamente como um

professor, mas *sabendo usar* a palavra de Deus para aconselhar, repreender e corrigir, de acordo com a necessidade dos fiéis (cf. Tt 1.9). Dentre os vícios que devem ser notados: “*Não dado ao vinho*”, pois o abuso levaria não só ao *escândalo*, mas ao pecado da *embriaguez*; “*não espancador*”, consequência natural do vício anterior. Notemos ainda que deve cumprir seu papel na *estrutura familiar* – mais uma vez confirmando que a igreja deve enaltecer os papéis distintos de homem, mulher, pais e filhos. “*Não neófito*”, ou seja, imaturo na fé, pois poderia facilmente se apegar à *honra* e se esquecer da *responsabilidade* da sua posição, como o fez Satanás. E, por último, mas não menos importante, “*que tenha bom testemunho dos que estão de fora*”, pois isto revela que não vive a fé cristã apenas na igreja – do contrário, poderia ser afrontado, envergonhado pela sua má conduta e desfalecer completamente da fé.

## II – A IMPORTÂNCIA DO DIACONATO (VV. 8-13)

Embora ali não sejam assim chamados, é certo que os sete varões escolhidos pelos apóstolos para *servir às mesas* foram os primeiros *diáconos* (do grego, “servidores”) da igreja. O cuidado com os órfãos, viúvas e demais necessitados no meio do povo de Deus sempre foi considerado um *importante negócio* (cf. Gl 2.10) – afinal, de que outra forma testemunhamos que somos discípulos de Cristo, se não nos amando uns aos outros, não só por palavra, mas por obra (1 Jo 3.17-18)? A importância desse serviço, ao mesmo tempo em que o ministério da *oração* e da *palavra* também exigem muita dedicação dos seus obreiros, tornou conveniente a instituição de *diáconos* – homens de caráter irrepreensível e verdadeira piedade que possam cuidar desta obra de natureza igualmente espiritual (cf. 2 Co 8.1-7).

As qualidades que o apóstolo define para os candidatos ao *diaconato* são mais ou menos parecidas com a dos *presbíteros*, e as que especifica no caso daqueles são igualmente desejáveis para os aspirantes ao episcopado, como: *guardar o mistério da fé em uma consciência pura*; *serem primeiramente provados* – ou seja, examinados, para ver se sua conduta e caráter realmente correspondem ao modelo apostólico; e a *boa posição e confiança na fé* que alcançarão, se servirem bem e fielmente.

## III – A NATUREZA DIVINA DA IGREJA (VV. 14-16)

Embora pretendesse encontrar novamente Timóteo, quando poderia instruí-lo pessoalmente sobre esses e outros assuntos, o apóstolo também sabia que imprevistos poderiam acontecer e que seu jovem discípulo não poderia ficar à mercê da sua ausência para cumprir sua missão. Ele considera que Timóteo não pode esperar, muito menos se arriscar a cuidar inadequadamente dos negócios da igreja, porque eles dizem respeito à *casa de Deus*. Ou seja, as coisas da igreja não eram suas, mas de Deus, e a ele cabia apenas *dispensá-las* ou *administrá-las* da melhor forma, cuidando para não causar prejuízo ao dono da casa, pois Ele é vivo e não se deixa *defraudar* (1 Co 4.1-5; Mt 24.45-51).

Além disso, a comparação da igreja à “*coluna e firmeza da verdade*” define seu caráter ou missão, e isto acrescenta ainda maior gravidade e cuidado no trato de tudo o que diz respeito aos seus interesses. À igreja foi confiada a verdade do evangelho, que ela sustenta através do seu testemunho; e essa verdade não é um simples rumor ou notícia incerta, mas consiste num grandioso mistério divino cuja revelação repercutiu por toda a criação, movendo céus e terra: “*Aquele que se manifestou em carne foi justificado em espírito, visto dos anjos, pregado aos gentios, crido no mundo e recebido acima, na glória*” (cf. Hb 12.18-29).

## CONCLUSÃO

Não é pequena a tarefa daqueles que são chamados a servir no ministério, muito menos dispensável; mas é uma honra que não se pode comparar a qualquer outra deste mundo e que, por isso, exige dos que a aspiram a mais profunda convicção e o mais forte senso de comprometimento com aqu’Ele que os chamou para esta obra.